

JARBAS OITICICA – UM PADRÃO DE AÇÚCAR

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@cabaplan.com.br

“Toda obra comprova a existência do seu obreiro” Voltaire

Há, de fato, alguns momentos singulares na história do setor sucroalcooleiro brasileiro, como aquele que um dia será conhecido como o período da grande revolução da cana-de-açúcar no Brasil, - a década de 1970. Em síntese, em primeira ação, o açúcar explode em preços altos no mercado internacional e o IAA e o setor privado criam o Planalsucar e o CTC – Copersucar (1972); em seguida, ocorre o primeiro choque do petróleo – 1975 e o Brasil mal conseguia pagar o petróleo que importava – nesse momento os preços do açúcar eram muito baixos e a estrutura produtiva expandia com o apoio do IAA no início da década de 1970 – Resultado: nascia um líder!

Dentre vários homens que passaram por essa fase, entre criadores e apoiadores, logicamente alguns foram ponte e outros efetiva energia às mudanças que ocorreram nesses mais de 30 anos.

Uma mescla de jovens bem formados e de personalidades como Gilberto e Jarbas do lado do Planalsucar e de Stupiello e Paranhos pelo lado da Copersucar, fizeram a diferença que levou o Brasil aos resultados espetaculares que se viram. Pelo lado dos produtores, Pernambuco, Alagoas e São Paulo conduziam os esforços de implantação do que era desenvolvido pelo Planalsucar e pelo CTC, além dos mais conhecidos trabalhos que eram desenvolvidos pelo IAC, com variedades importantes para a produção de cana no Centro-Sul brasileiro.

Era ainda a década de 1970. O setor sucroalcooleiro era totalmente regulado pelo IAA, que conduzia também pesquisas com a cana-de-açúcar nas regiões produtoras. Prematuramente o IAA perdeu o Gilberto, jovem e no auge de produção. Mas o Planalsucar seguiu, com o apoio forte de Jarbas Oiticica. Assim produziu as variedades RB, implantou o controle biológico de pragas, caracterizou o uso da vinhaça, mecanização e assistência técnica; implantou o pagamento de cana pela qualidade e outros. Foi um sucesso nacional, continuado hoje pela RIDESA.

Essa pequena história introdutória traz o Jarbas Oiticica de volta e procura valorizar um dos mais importantes personagens do açúcar e álcool brasileiros, cujo falecimento nesse mês de outubro cobre de luto quem opera no setor da cana-de-açúcar.

Os novos tempos da informática, comunicação e finanças, dos fundos de private equity e escândalos políticos não mais fazem lembrar da Serra do Ouro, alagoana, onde as flores da cana, de cores diferentes e quase ausentes na produção no sul do país, brilham ao sol e permitem cruzamentos técnicos dirigidos ou não, produzindo as variedades RB e futuramente as Canaviallis. Da Serra do Ouro, hoje ouro verde, as futuras gerações muito ainda ouvirão: é a síntese da talvez mais importante cadeia agroindustrial do Brasil. Descoberta por Jarbas e equipe, a Serra abasteceu todo o Brasil com riquezas que hoje são, sem dúvida, o orgulho nacional face o formidável impacto global do Brasil como produtor eficiente de energia limpa, renovável.

Naquela época, 1975/76, pleno Proálcool, a Estação Experimental de Cana de Alagoas já tinha um departamento que só cuidava de Treinamento de Mão de Obra, coisa que também foi emprestada ao Centro-Sul. Era o Jarbas, já como primeiro mundo uma visão de futuro. Aliás assim foi quando tentou vender ao país a idéia de um motor movido a álcool/água, em desenvolvimento de um francês – Chambrin, sepultado sem grandes discussões em alguma gaveta de Brasília – isso gerou um livro, para quem quiser mais detalhes (A Saga do Motor – Água e Álcool – Dossiê Chambrin).

Mas falar do Jarbas inspira a olhar o futuro, com novas lideranças e novas lutas.

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 foi a luta dos 30 anos do álcool, passando pela volatilidade das políticas de governo; desregulamentação e ganhos espetaculares de produtividade; viu-se o etanol se tornar competitivo com a gasolina e o Brasil sendo o maior exportador mundial de açúcar e álcool.

No século XXI o que será?

Será o século do agronegócio, aliás como um estruturado setor de bioenergia, alimentos, fibras e produtos químicos. Esse é o destino da agricultura brasileira e a do mundo tropical, com competitividade e sustentabilidade.

As variedades de cana-de-açúcar continuarão a ser obtidas pela metodologia convencional e via biotecnologia, em tempo mais curto e mais efetivo, face o domínio obtido da genética da cana. Serão variedades muito mais produtivas, tolerantes, resistentes, com maior teor de fibra; será a cana-de-energia, com uso integral. O seu uso integral levará à produção de açúcar, etanol, energia elétrica e químicos, em processo industrial com importante economia de energia e menores perdas industriais.

A mecanização agrícola estará presente do plantio à colheita, assim como o uso de insumos modernos será muito mais eficiente e com menor intensidade.

A colheita da cana integral com separação de pontas e palhas em processo de limpeza a sêco reduzirá enormemente o consumo de água por unidade de matéria prima processada.

Biorefinarias estarão substituindo antigas usinas de açúcar e álcool, agregando valor à agroindústria canavieira.

O mercado externo estará aberto, sem barreiras, recebendo produtos mais competitivos e certificados, com vantagens importantes para o produto brasileiro.

Indústrias automatizadas e eficientes permitirão o atendimento ao mercado interno crescente tanto para o setor transportes como para a geração de energia elétrica, além de atender um mercado externo crescente.

A expansão horizontal da cana-de-açúcar ocorrerá sobre pastagens degradadas e abandonadas, que por sua vez com tecnologia aumentarão o número de cabeças. Essa expansão se fará em complexos agroindustriais com sinergias agrícolas entre a cana-de-açúcar e leguminosas assim como sinergias industriais como a produção de biodiesel junto à de etanol.

Complexos de desenvolvimento de tecnologia, assistência técnica e treinamento de mão-de-obra em todos os níveis estarão sendo implantados, como o da UDOP na região de Araçatuba.

Esse cenário otimista é, na realidade, fruto de ações desencadeadas por Jarbas, Cíceros, Oscars, Lamartines, Atallas, Zillos, Omettos e outros, que trilharam o caminho mais árduo – o começo!

Mas nem só notícias boas virão: levaremos anos debatendo a sustentabilidade do processo produtivo do etanol, tanto em termos sócio-

ambientais como econômicos e éticos. Quanto mais cedo o setor for pró-ativo, mais rapidamente o Brasil será, de fato, referência global.

Como commodity, o açúcar ou o álcool são definidos como referências ou padrões de qualidade pré-estabelecidos; também importante é a referência internacional de preços. Ambas são referências essenciais.

Mas falando em referências, algumas são muito especiais. É o caso do Jarbas Oiticica, referência a todos que queiram trilhar o caminho da sensatez, dedicação, seriedade e grandeza.

Os que vivem com intensidade os negócios da cana-de-açúcar, acompanhando o seu crescimento, dificuldades e desafios, sabem que uma característica da cana-de-açúcar é que não há, nunca, uma safra igual a outra qualquer. Cada ano tem suas peculiaridades e, sempre, reserva surpresas que derrubam prognósticos dos otimistas e pessimistas.

A cana-de-açúcar, na espetacular interação entre os fatores de produção e a natureza, mostra taxas de crescimento extraordinárias; não se conhece, em escala, nada parecido com ela. E isso lhe reserva um espaço importante no futuro da energia para a humanidade. As dificuldades dos interesses contrariados dos setores energéticos fósseis e os lobbies contrários de setores de agricultura do mundo desenvolvido não irão ser suficientes para estancar o domínio que se verá da oferta de energia limpa no hemisfério sul tropical. Afinal, segundo Azzi, “as soqueiras da cana, mesmo pisoteadas pelos caminhões, rebrotam e produzem”.

Essa marca de resistência e de produtividade também se vê em homens públicos. Foi o caso do Jarbas Oiticica, aliás com sobrenome de madeira de lei, brasileira, resistente, produtiva. Quando em 1982 o Planalsucar enfraquecido pela falta de visão do IAA e do governo brasileiro vivia ameaçado pelo que posteriormente aconteceu, com a presença do Jarbas me despedi com a seguinte referência aos amigos:

*Aos amigos,
que me estenderam pontes,
acenaram-me esquinas.
tingiram de rubro
meus horizontes*

*e se fizeram ponte
tornaram-se esquina
sublimaram-se em rubro
na pré-manhã*

*todos tão chegados
que sou neles
mais que em mim*

(Flávio G. Carvalho)

Definição antiqüíssima do etanol: *“Espírito volátil, substância sutil que escapava dos líquidos submetidos à destilação. Tão tênue que parecia um sopro.... Assim, poeticamente, os sábios do passado, ancestrais dos cientistas, descreveram o álcool”¹.*

O amigo Jarbas, como todo ser humano de qualidade, foi certamente um dos que escapou à mediocridade que tanto se vê. Foi, de fato, um sopro de esperança e de fé no Brasil, trabalhando o conceito e as perspectivas de dias melhores para seu povo. Se não foi cientista, os orientou. É um orgulho para a classe dos que acreditam na energia renovável.

O outubro de 2007 deixa os canavieiros mais pobres com a perda do Jarbas Oiticica. A expectativa que fica é que esse deveria ser o nome de um prêmio muito qualificado que uma entidade setorial deveria lançar.

¹ Regina Machado Leão, *Álcool Energia Verde*, 2002.